



## **O Fundamentalismo Islâmico e a Ordem Internacional\***

**Francisco de Assis Grieco\*\***

*Reprodução de palestra proferida, a 14 de outubro de 1993, na Confederação Nacional do Comércio (CNC), e publicada na "Carta Mensal", editada por essa entidade (Vol. 93, n.º 465 — dezembro, 1993).*

**E**m seus vários aspectos, religiosos, políticos e culturais, o islamismo consolidou, no decorrer de cerca de dez séculos, vasto império que se estendeu pela Europa, África Setentrional e Ásia. Sua presença na Península Ibérica e no Mediterrâneo (Sicília e Magrebe) marcou contribuição cultural de grande importância para a civilização européia, nos campos da medicina, botânica, astronomia e matemática. Caracterizada a decadência árabe das dinastias amávida e abássida, o império otomano assumiu a liderança na expansão do

credo muçulmano, como fator de conagração político-religioso. A partir da queda de Constantinopla, a Turquia figuraria, por quatro séculos e até a I Guerra Mundial, entre as potências principais no jogo do equilíbrio de poder europeu.

Existe atualmente 1,5 milhão de fiéis islâmicos em todo o mundo. Numa vasta faixa que abrange os países árabes da África do Norte (o Egito e nações do Oriente, Próximo e Médio), as várias novas repúblicas da Comunidade de Estados Independentes, o Paquistão e a Indonésia. Fora dessa área, cerca de 12 milhões de muçulmanos vivem na Europa Ocidental, praticando livremente sua religião e mantendo sua cultura moldada nos preceitos islâmicos. A convivência de

---

\*\* Diplomata e membro do Conselho Diretor do Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos.

---

\* Selecionado pelo PADECEME.

minorias étnicas e religiosas árabes, paquistanenses e indonésias tornou-se ponto crítico da problemática sócio-econômica da Comunidade Européia. Na Bósnia-Herzegovina, vivem cerca de 4,8 milhões de muçulmanos, em comunidade remanescente da dominação otomana, que chegou a constituir um quinto da população da antiga Iugoslávia. Nos Estados Unidos, há mais de seis milhões de adeptos do Islã, ainda que em boa parte de etnias árabes mas, igualmente, com importante contingente (40%) de negros norte-americanos convertidos. Especula-se que, dentro de poucos anos, haverá mais crentes da religião muçulmana do que judeus nos Estados Unidos.

***“Especula-se que, dentro de poucos anos, haverá mais crentes da religião muçulmana do que judeus nos Estados Unidos”***

## **DOCTRINA POLÍTICA E RELIGIOSA**

A religião nascida no deserto da Arábia inspirou-se, na verdade, nos credos monoteístas judaico e cristão. Nos seus dogmas e postulados básicos, manteve, através dos séculos, os princípios de código de conduta humana e de doutrina de comportamento social e político. De modo geral, os muçulmanos não aceitam a distinção entre religião e política. A expansão do Islã através de guerras santas ( *jihad* ) impôs a dominação árabe até a formação dos estados europeus. Exercida em califados independentes e sem unidade administrativa, essa dominação sucumbiria às rivalidades e ambições dinásticas. A superioridade da administração

otomana, apoiada pelas suas elites militares e culturais, permitiu à Turquia garantir sua presença política, no continente europeu e no Oriente, Próximo e Médio, valendo-se de sua habilidade diplomática e poder militar, meio

às sucessivas disputas espanhola, francesa e britânica para arrebatarem a supremacia européia. Só realmente a Rússia czarista daria golpe de morte no “homem-doente da Europa”, como era chamado

o Sultão de Constantinopla (Istambul) no fim do século passado.

À noção secular do sincretismo político e religioso, contrapuseram-se, no mundo islâmico, ideologias modernas do capitalismo e marxismo, originando sociedades e sistemas econômicos adaptados à evolução das transformações industriais e tecnológicas. A sujeição do processo político aos preceitos imutáveis do Corão não pôde impedir que os povos árabes adotassem os figurinos sócio-políticos ocidentais. Passaram assim a formar ora ao lado das nações democrático-capitalistas ora sendo levadas, pela impaciência de seus líderes, a tentar alianças de conciliação difícil com o marxismo ateu internacional.

O credo islâmico tem, como orientação básica, as 112 suratas (capítulos) do Corão, que não são apenas normas religiosas, mas igualmente todo um sistema de regras morais, de comportamento cotidiano e de direito social. Os ensinamentos de Maomé inspiraram-se nas filosofias e preceitos religiosos do judaísmo, crenças persas, mitologia greco-romana e na religião de Cristo, aceito, aliás, como um dos profetas de Ala. Nas linhas do

judeu-cristianismo, a religião islâmica pregou a fraternidade e a tolerância, abolindo e condenando o paganismo para instituir a religião universal. Seus profetas são mensageiros do Deus único, figurando entre eles Noé, Abraão, Moisés e o próprio Cristo, sem que se atribuam a Maomé feições divinas, mas apenas de enviado do Ser Supremo e Absoluto. A conversão é simples profissão de fé, bastando a presença de testemunhas e o seu enunciado em árabe. O ritual de preces, cinco vezes ao dia é acompanhado de abluções e prosternações na direção de Meca. As funções clericais são menos presentes, as orações conduzidas nas mesquitas, pelos "imãs", e o serviço realizado às sextas-feiras. A peregrinação a Meca, levadas em conta as limitações econômicas, é feita pelo menos uma vez na vida, para adoração dos símbolos da Caaba e da Pedra Negra. O jejum do Ramadã lembra a Quaresma cristã, como também outras práticas da condenação dos juros e a castidade pré-nupcial — todas, evidentemente, como ocorre com os cristãos, burladas dentro dos limites da hipocrisia e dos artifícios da conveniência.

A evolução científica e materialista expõe o Islamismo a certos aspectos que, com o correr dos tempos, criaram problemas à interpretação de suas normas pristinas. Entre elas as proibições à reprodução da imagem humana, a situação de inferioridade feminina, com o repúdio à esposa e a poligamia, a condenação de bebidas e de certos alimentos, etc. Na ausência de hierarquias religiosas unificadas, as práticas religiosas, em comunidade tão disseminada pelo mundo, teria fatalmente que fazer concessões às pressões de democratização: da laicidade dos estados modernos, da liberdade de consciência, e, sobretudo, da realidade do pro-

gresso científico e tecnológico. As disparidades raciais e econômicas, e a ausência de evolução na doutrina política, criaram, portanto, quadro de complexidade crescente, com ameaça do próprio Islamismo como elemento de solidariedade política no cenário internacional. Os choques de interesses nacionais se configuraram agora na emergência do "fundamentalismo islâmico".

## O IMPERIALISMO EUROPEU E O PETRÓLEO

Durante o século XIX, a vasta comunidade árabe distribuída por três continentes foi rateada pelas sucessivas ondas do imperialismo europeu. A França conquistou nações mediterrâneas: Marrocos, Tunísia e Argélia. A Grã-Bretanha impôs regime de protetorado ao Egito e ao Sudão, mantendo o subcontinente da Índia sob seu domínio e as regiões periféricas da Birmânia, Cingapura e Hong-Kong como colônias da Coroa. A Holanda colonizou a Indonésia. A Itália, no começo do nosso século, ocupou a Líbia e a Somália. Com a I Guerra Mundial, chegou a vez da Turquia e a criação, nos seus antigos domínios do Oriente, Próximo e Médio, de nações islâmicas modernas e leigas. A Síria e o Líbano tornaram-se mandatos da Liga das Nações, sob administração francesa. A Grã-Bretanha recebeu mandatos no Iraque e na Transjordânia, inclusive a Palestina, onde o movimento sionista deu início à nação judaica. A fidelidade de Saud deu origem ao Hedjaz, que se chamaria, mais tarde, Arábia Saudita. A Transjordânia, reino independente, permaneceu sob forte influência da Grã-Bretanha, mandatária até o início do segundo conflito mundial e com apoio da Legião Árabe de Glubb Pachá.

Fincando o pé no Oriente, Próximo e Médio, os britânicos passaram a disputar, com os Estados Unidos a hegemonia na exploração do petróleo da região. Ciente de que aquela área dispunha de 70% das reservas mundiais, Londres apoiou a expansão da "Persian Oil Company", que deu início à construção, no Golfo Pérsico, da refinaria Abadan. A Royal Dutch-Shell, companhia anglo-holandesa e várias outras francesas e norte-americanas reagiram e, com apoio de seus governos, impuseram associação à "Iraq Petroleum", depois dividida entre as concessionárias de exploração ao petróleo. Durante os vinte anos de interregno entre as duas guerras mundiais, o mundo usufruiu petróleo abundante e barato, extraído pelo condomínio das grandes empresas ocidentais: Standard Oil, Socony-Vacuum, British Petroleum (antiga Persian), Royal Dutch-Shell, Compagnie Française de Pétrole, e a Participation and Investments. O aumento do consumo mundial trouxe novos grupos à exploração e ao refino: Texas Company (Texaco) e a Standard descobriram imensas jazidas no Barein e na Arábia Saudita; a Gulf Oil e Anglo-Iranian cuidaram das reservas descobertas no Coveite.

## A NOVA GEOPOLÍTICA ISLÂMICA

A II Guerra Mundial constatou a fidelidade árabe às democracias ocidentais e o repúdio islâmico à ideologia marxista com suas implicações ateístas. Terminado o con-

flito, a política de descolonização encabeçada pelos Estados Unidos resultaria na concessão progressiva de independência às comunidades árabes do Oriente, Próximo e Médio. A nova geopolítica da região, em suas linhas gerais, obedeceriam às partilhas territoriais da primeira guerra. Surgiram como nações independentes a Síria, o Líbano, Omã, Iemen e os Emirados. A Arábia Saudita, a Jordânia e o Iraque já haviam adquirido relativa autonomia, mas achavam-se ainda vinculados aos interesses ocidentais, auferindo enormes ganhos das *royalties* do petróleo, usufruídos

***“As transformações sociais impostas de cima trouxe a ditadura dos extremados e lançaria o Irã à frente do movimento fundamentalista”***

pelos elites governantes. O Irã foi a primeira nação islâmica (xiita) que reagiria contra a tutela ocidental, pela desapropriação da Anglo-Iranian sob o comando de Mossadegh. O reinado do Xá marcou a fase de liberação

dos costumes, melhor distribuição de renda e modernização — sem escapar, todavia, da corrupção e do arbítrio policial. Essas transformações sociais impostas de cima desmoronaram com a rebelião nacional e trouxe Khomeini ao poder, a ditadura dos extremados, e lançaria o Irã à frente do movimento fundamentalista.

A onda nacionalista islâmica estendeu-se aos países do Magrebe, Egito e Oriente Próximo, guardando, todavia, em cada um deles, aspectos peculiares de conformação política e de interpretação dos valores religiosos comuns. Os fatores econômicos determinaram diferentes graus de desenvolvimento e crises sociais, conseqüentes às pressões populares. O petróleo passou a ser fator básico, não apenas do crescimento econômico,

como, igualmente, de barganha política para assegurar a independência das novas nações islâmicas. A criação e as práticas monopolíticas da OPEP garantiriam à comunidade árabe elementos de maior coordenação à sua atuação internacional. As duas crises do petróleo trouxeram a noção da influência crítica dos países árabes na economia mundial, principalmente pelos desequilíbrios gerados com maior impacto nas nações em desenvolvimento, entre elas, não seria preciso dizer, o Brasil.

Não obstante, as rivalidades políticas, étnicas e religiosas predominaram, afetando a consolidação que se esperava de uma grande aliança islâmica. Esses choques e rivalidades resultariam em posicionamentos antagônicos nas quatro décadas durante a Guerra Fria, com confrontações políticas, e na guerra entre o Irã e o Iraque. A criação e expansão do Estado de Israel revelou a precariedade da união das nações árabes do Oriente, Médio e Próximo. A resolução de Campo David afastaria o Egito da coligação militar árabe, após a decisão histórica de Anwar Sadat em poupar seu país do ônus econômico crescente das guerras contra Israel — solução nacional considerada traição ao Islamismo regional e, por extensão, mundial. A intifada agravou a questão palestina no cenário internacional, com condenação às práticas de violência de Israel e a maior responsabilidade da mediação norte-americana. A recente assinatura do acordo de Washington confirmou a transigência israelense em relação à OLP e à autonomia da Faixa de Gaza, despertando esperança de novos esforços para aliviar a crise árabe-judaica. O postulado da união islâmica, antes intransigente na eliminação do Estado de Israel, perdeu sua força entre os países árabes moderados. A irra-

cionalidade política, o fanatismo e os ódios crônicos tornaram, porém, imprevisíveis quais os caminhos e a duração dos esquemas de paz duradoura para a crise árabe-israelense.

## O FUNDAMENTALISMO: RAÍZES E EVOLUÇÃO

Com a eclosão da Guerra Fria, a aliança democrática ocidental sentiu a necessidade de adotar política estratégica regional no Oriente Médio para garantir seus interesses econômicos, basicamente o suprimento de petróleo, bem como para fechar a malha do cerco periférico da União Soviética. A OTAN procuraria alianças, no período da "pactomania" (CENTO e OTASE), através de assistência financeira e militar às novas nações islâmicas, numa faixa geográfica que se estenderia do Norte da África, firmando-se na Turquia e no Oriente Próximo, rumo ao Paquistão e aos países muçulmanos do Sudeste Asiático, entre eles a Indonésia, a Birmânia, a Malásia e as Filipinas. Os Estados Unidos, padroeiros da descolonização, apoiariam, indistintamente, regimes democráticos ou autocráticos. Sempre com o objetivo de criar condições de favorecer o desenvolvimento econômico a longo prazo, procurando, no curto prazo, barrar a penetração ideológica soviética, que se poderia beneficiar de aproximações de conveniência com grupos islâmicos extremados.

As diretrizes políticas norte-americanas em relação ao mundo islâmico procuraram fortalecer, com aquele objetivo, os processos de transformação social capazes de assegurar regimes democráticos estáveis, classes médias crescentes e fortalecimento de

estruturas constitucionais que conciliassem os preceitos tradicionais da religião às formas de governo liberais. As décadas dos Cinquenta aos Setenta vieram constatar as independências nem sempre pacíficas, como na Argélia, enquanto, no Oriente Médio, o Iraque e o Irã procuravam seguir os figurinos democráticos ocidentais — embora precariamente e sem adoção de esquemas equânimes de distribuição de renda, proveniente do boom petrolífero. São conhecidas as conseqüências da erupção do Nasserismo no Egito que, gerando a intervenção militar franco-britânica em Suez, constituiu o primeiro passo para a formação de movimentos populares e nacionalistas no mundo árabe. As reivindicações das populações jovens, a emergência de facções extremadas e a urbanização conseqüente à explosão demográfica provocaram crises econômicas estruturais e crônicas, com o agravamento do desemprego, o das demandas sociais, que ameaçariam os regimes políticos liberais e socialistas importados das disputa ideológica internacional. A agitação social de massas urbanas, atenuadas pela miséria e ignorância, cresceu, em contradição à caducidade de normas religiosas e do conservadorismo islâmico.

À disposição norte-americana de erigir o "cinturão-verde do islã", a União Soviética resolveu contrapor política de penetração ideológica com alguns resultados favoráveis, na conciliação dos postulados religiosos à doutrina socialista e seu apelo popular. A aliança tácita dos extremistas árabes com Moscou afetou o equilíbrio regional e originou regimes-fortes no Irã e no Iraque, o conflito militar prolongado entre os dois países e a intervenção direta da OTAN na Guerra do Coveite. Todo o "pacote" democrático e liberal, armado pelos Estados Unidos e a Comu-

nidade Européia, foi ameaçado pela Revolução de Khomeini e o aparecimento de riscos de aglutinação política no Oriente Médio. Paradoxalmente, a dissolução da URSS estimularia pressões para a revisão dos conceitos do Islamismo tradicional, através do fundamentalismo iraniano.

As sementes do atual movimento fundamentalista remontam à criação, no Egito (1928), da Irmandade Muçulmana, por Hassan Bassa. Seus ensinamentos contrapunham-se aos regimes políticos emergentes e aos sistemas de vida baseados nas sociedades leigas e na afluência material, com o afrouxamento da disciplina religiosa do Corão, seus princípios de fraternidade igualitária, de devoção e preservação espiritual

***"A explosão do  
Fundamentalismo Iraniano  
constitui um dos problemas  
mais complexos na nova  
ordem internacional que  
começa a ganhar forma"***

da humanidade. Essas premissas de Bassa, em seu retorno a normas religiosas tradicionais, encontram, na verdade, paralelos em movimentos de preservação aos valores prístinos judaicos e cristãos que reagiram, ou ainda reagem, à aceitação de reformas litúrgicas e de comportamento, decorrentes da evolução científica e da crescente laicidade das sociedades humanas modernas.

A explosão do fundamentalismo iraniano constitui, sem dúvida, um dos problemas mais complexos na nova ordem internacional, que

começa a ganhar forma nos dias atuais. O renascimento do fervor religioso desafiou e derrubou, no Irã, regime visivelmente progressista, ainda que pesem as considerações já feitas de suas feições autocráticas, práticas institucionalizadas de corrupção e de imposição de formas verticais e de cunho paternalista — fenômeno considerado, por muitos analistas, como surpreendente, restaurando valores espirituais muitos discutíveis e com mais de 14 séculos, que viram passar as revoluções comercial, industrial e tecnológica, os movimentos filosóficos e liberais renvadores das sociedades arcaicas, para chegarmos à era nuclear e espacial e aos desafios de criação da vida artificial. Nem sempre, todavia, o fundamentalismo de Khomeini impediu a avaliação de concessões à *realpolitik*.

A guerra iraque-iraniana, por exemplo, levou o Aiatolá a tolerar a invasão do Afeganistão pela URSS, ante a necessidade de manter os fluxos de ajuda militar soviética, em equilíbrio ao armamento enviado pelos Estados Unidos e Saddam Hussein. Depois de armar o Xá, os norte-americanos foram obrigados a reverter o processo em favor do Iraque. A despeito de toda sua fidelidade ao islamismo, o Irã tem-se abstraído de envolvimento no conflito crônico árabe-judaico.

***“No Irã, o controle do poder é exercido por uma ditadura férrea, legalizada pela aplicação do direito islâmico”***

O fundamentalismo iraniano está, por motivos étnicos e religiosos, condicionado à seita Xii que se opôs ao sunitas, após o cisma de Ali, genro do profeta, e cujos adeptos se espalharam pelo Iraque, Irã, Líbano meridional e Paquistão. O radicalismo xiita prevalece no Irã, núcleo do fundamentalismo militante e com propósitos expansionistas, desde a fundação da República Islâmica em 1979. O governo atual iraniano tem suas bases políticas na coligação entre xiitas e facções moderadas, ou mesmo leigas. O controle do poder é exercido por uma ditadura férrea, legalizada pela aplicação do direito islâmico, que estabelece mais de 100 delitos punidos com a pena de morte. Há, porém, margens de flexibilidade política para atenderem a conveniências dos diferentes grupos radicais que têm suas interpretações próprias da doutrina religiosa.

## **RADICALISMO: ARÁBIA SAUDITA E SUDÃO**

Desde o reinado de Feisal, a Arábia Saudita segue regime político e religioso que antecedeu à implantação do fundamentalismo no próprio Irã. O país é governado pelas leis do Corão, que presidiram à elaboração dos códigos civil e penal, sendo aplicados por conselhos ministeriais, consultivos e de sumidades religiosas. São ainda, atualmente, praticadas as decapitações de criminosos e amputações de mãos de ladrões em praça pública. O véu e as roupas negras são impostas ao recato feminino. A educação recebe tratamento mais liberal, permitindo às mulheres acesso aos níveis secundário e universitário. São proibidos outros cultos e a venda de bebidas alcoólicas que têm entrada

proibida no país. Os privilégios diplomáticos são muitas vezes infringidos, como, recentemente, no caso da esposa do embaixador brasileiro, que foi agredida pela política por não estar trajada à moda islâmica. A capital Meca atrai cerca de um milhão de peregrinos muçulmanos anualmente e, até a exploração do petróleo, era a grande fonte de receitas públicas.

A Arábia Saudita ocupa cerca de 2,2 milhões de quilômetros quadrados, embora grande parte da superfície seja de desertos inabitáveis. A população, de 14 milhões de habitantes, concentra-se nas regiões úmidas, com grande densidade populacional. A urbanização cresceu consideravelmente, assegurando, o *boom* de petróleo, recursos bilionários para a expansão das infra-estruturas econômica e social. O produto interno bruto está por volta de US\$ 120 milhões — registrando *per capita* elevado, de US\$ 7,5 mil, mas, ainda assim, há grande concentração de renda, desigualdades sociais e corrupção em todos níveis. Existem populações beduínas, sob leis tribais e consuetudinárias. Apesar de abolida a escravidão (1962), persistem regimes de mão-de-obra servil, segundo entidades de direitos humanos. A monarquia, fechando suas portas aos estrangeiros, conduz política de aliança militar com o Ocidente que, inclusive, lhe garantiu a sobrevivência, por ocasião da aventura de Saddam Hussein no Coveite, e a eventual ocupação iraquiana da Arábia Saudita.

Em confronto político e religioso com os xiitas iranianos, os sauditas sunitas gastam bilhões de dólares para assumir a liderança cultural no mundo islâmico. Com seu aporte financeiro, são construídos centros de estudo e majestosas mesquitas no Norte da África,

na Turquia e, agora, nas antigas repúblicas muçulmanas da ex-União Soviética. No plano político, a Arábia Saudita tem sido acusada, por Teeran, de fomentar campanhas contra o Irã, pela pródiga distribuição de doações a grupos e facções opositoras, no Iraque, na Jordânia e na OLP. No país, o rei Fahd fortaleceu seu poder, pela distribuição de generosos benefícios nas áreas de saúde, educação e de isenção fiscal, que exime os sauditas de pagamento de quaisquer impostos. Essa afluência começa, todavia, a encontrar problemas econômicos, resultantes da estabilização dos preços do petróleo e das despesas astronômicas com armamento sofisticado, ante a ameaça de Hussein ou de parte do próprio radicalismo iraniano.

### ***“A derrota do Iraque voltou a dar, a Teeran, novo papel preponderante no quadro político regional”***

O conflito latente pela liderança espiritual e as supostas prerrogativas de guardiões da fé islâmica manifesta-se, freqüentemente, em atritos entre sauditas e os peregrinos fundamentalistas iranianos em Meca. Em 1979, grupos radicais clandestinos tentaram ocupar a Grande Mesquita, com responsabilidade atribuída ao extremismo fundamentalista.

A derrota do Iraque voltou a dar a Teeran novo papel preponderante no quadro político regional. Para inquietação do Egito e da Arábia Saudita, o Irã enviou, ao Sudão, contingente de dois mil especialistas para o treinamento do Exército sudanês de 600 mil soldados. Essa assistência tem como pro-

pósito instruir a guarda revolucionária de elite, que mantém no poder a Junta Militar governante na República islâmica sudanesa. Já foi fundada, no Sudão, a "Frente Nacional Islâmica", que já mostrou a sua disposição em desencadear ofensiva contra as minorias cristãs e feitichistas na região meridional do país. A doutrina fundamentalista goza, hoje, de apoio popular naquela nação com mais de dois terços de analfabetos, vivendo seus habitantes (30 milhões) em miséria absoluta, e cerca de um décimo em estado crônico de fome. A penetração iraniana no Sudão desperta receios de futura criação da Internacional Islâmica para, expansão do fundamentalismo militante.

## MODERAÇÃO: TURQUIA E EGITO

Apesar da predominância absoluta do credo muçulmano (98,3%), a Turquia tomou-se definitivamente república laica desde sua implantação, iniciada pelos "jovens turcos" de Mustafá Kemal Attaturk (1923). A "ocidentalização" do país garantiu à Turquia posição de ponte entre a Europa e o Oriente Próximo, fortalecendo a modernização dos costumes e a adoção de processo democrático, depois de sucessivos governos fortes. Em 1987, foi apresentado pedido formal do ingresso turco na Comunidade Européia, mas o processo foi posto em banho-maria, ante os problemas atuais de conclusão das medidas propostas pelo Ato Único Europeu e incorporadas no Tratado de Maastricht. A taxa inflacionária turca de 70% anuais constitui boa razão dessa postergação, agravada pelas reações em países comunitários contra a livre circulação de mão-de-

obra e de profissionais liberais — no âmbito da CE. Existem hoje minorias turcas de operários e migrantes que já teriam ultrapassado de um e meio milhão, concentradas, principalmente, na Alemanha e causando conflitos sociais e étnicos conhecidos.

A assimilação de costumes ocidentais é total, inclusive nos trajes, ou na sua falta, como biquines e *topless*. Moças de *blue jeans* e rapazes de brinquinhos na orelha não causam espécie nas ruas de Istambul. Não obstante, no interior do país e nas principais metrópoles turcas, ainda circulam mulheres de véu. Muçulmanos conservadores seguem e conclamam a obediência e prática das normas ditadas pelo Profeta. A participação no cerco estratégico da União Soviética deu à Turquia voz ativa na estratégia da OTAN. A democratização da nação otomana, a despeito de férias periódicas impostas à democracia constitui exemplo de viabilidade para outros regimes liberais. A influência turca faz-se sentir como pólo de oposição ao fundamentalismo iraniano. Âncara já se conscientizou da necessidade de assumir papel ativo junto às nações muçulmanas independentes, que surgiram com a dissolução da URSS.

A eleição de mulher (Tansu Ciller) para o cargo de Primeira Ministra surpreendeu o mundo e, evidentemente, muito mais os radicais muçulmanos, ao verem parlamentares "bigodudos" superarem, com seus votos, preconceitos sociais e religiosos seculares. A sobrevivência da nova governante poderá ser curta ou precária, mas serviu, para a Europa e os Estados Unidos, o empenho liberal turco de persistir no seu governo leigo frente ao "problema" fundamentalista. Vantagens aduaneiras concedidas pela Comunidade Européia, na letra do

acordo de associação, garantirão à Turquia acesso à união alfandegária comunitária. A economia turca prospera, com crescimento do PIB de 6% anuais. Os créditos financeiros americanos e alemães têm aumentado, apesar da dívida externa girar por volta dos US\$ 50 bilhões.

A militância fundamentalista, contudo, não renunciou ao seu proselitismo, procurando aliar-se à rebelião da minoria curda que pretende fundar Estado-independente, com o apoio do "Partido dos Trabalhadores Curdos" (PKK). Essa facção conta, hoje, com cerca de 50 mil guerrilheiros e atua, através de rede terrorista, até mesmo na Europa. Há, na Turquia, grupos xiitas moderados, embora a população seja predominantemente sunita. Aumentou o número de radicais filiados ao "Partido Islâmico Fundamentalista" que, aliado a dois outros partidos nacionalistas, disputou as eleições de 1991 obtendo, a coligação, cerca de 17% dos votos e 45 cadeiras no Parlamento. Em julho passado, terroristas fundamentalistas assumiram a responsabilidade do incêndio de hotel, com a morte de 36 pessoas. Alegaram punição a encontro de grupos contrários ao radicalismo religioso e que fazia críticas ostensivas às normas do Corão. Conquanto a política oficial, desde os regimes militares da década passada, tenha sido de oposição ao fundamentalismo militante, a tolerância governamental permite a expressão de facções islâmicas conservadoras e em favor do retorno às leis do Corão. O proselitismo tenderá, sem dúvida, a crescer na Turquia e, conseqüentemente, seus atritos com o Irã.

Os muçulmanos sunitas somam 98% da população do Egito, sendo a minoria religiosa copta (cristã) calculada em mais de 2 milhões. Pobre em recursos naturais, o país atravessa

fase de urbanização intensa. Cairo já passa dos seis milhões de habitantes, com problemas de habitação, sanitação, educação e penúria urbana. As pressões sociais crescem e, com elas, a atuação das minorias islâmicas extremas. A maior onda de agitação fundamentalista, após o fim do regime nasserista, culminou com o assassinato de Anwar Sadat (1981). Seu sucessor, Mubarak, preservou a política de aproximação com o Ocidente, mantendo a paz com Israel, sem conseguir, todavia, evitar o aumento do ativismo radical à procura de soluções nacionais para remédio aos seus males, decorrentes da explosão demográfica em um país de 57 milhões, dos quais dois terços são analfabetos. O fim da União Soviética desorientou as fileiras nacionalistas de esquerda, que voltaram suas esperanças para o renascimento da fé islâmica. O governo egípcio permite certa liberdade de opinião, ainda que apelando para a repressão policial contra terroristas e extremados. Seu combate ao fundamentalismo procura diretrizes flexíveis. Concessões foram feitas ao culto tradicional, como a proibição de venda de bebidas alcólicas e a condenação à heresia de grupos leigos e contrários à influência religiosa nos assuntos de Estado. Obras literárias com críticas ao tradicionalismo islâmico foram confiscadas por Mubarak. A "Irmandade Muçulmana", banida desde o tempo de Nasser, continua proibida a funcionar como partido — sem isso impedir que seus adeptos, através de alianças com outros partidos, tenham participado de eleições (1987), conquistando 37 lugares no Parlamento egípcio.

O fundamentalismo não age apenas nos meios intelectuais e politizados do Egito, ganhando também apoio nas camadas desti-

tuídas e sacrificadas pelas crises econômicas, que propiciam agitações atribuídas à infiltração do fundamentalismo iraniano. Milhares de operários egípcios migram e habitam outros países árabes com melhores oportunidades de emprego. A Arábia Saudita nos anos setenta atraiu trabalhadores e profissionais liberais egípcios que voltariam influenciados pela revivescência das normas tradicionais do credo islâmico seguidas pelos sauditas. Analistas ocidentais creem no enfraquecimento da ação terrorista radical e da expansão fundamentalista junto aos círculos intelectuais, inclusive universitários. Murbarak parece consciente dos riscos de crescimento da pregação fundamentalista nas Forças Armadas e nas camadas mais pobres. Temeroso de que a maior abertura política e a realização de eleições totalmente livres possam constatar a expansão do fundamentalismo no Egito. A seita Jihad, responsável pelo atentado militar a Sadat, permanece ativa. Em 1990, o líder e presidente da Assembléia Nacional foi morto, a tiros, por terroristas.

## REAÇÕES AO FUNDAMENTALISMO

Os países muçulmanos do Mediterrâneo, de modo geral os seus governos e elites culturais, reagem contra as campanhas de penetração do fundamentalismo iraniano. Na Argélia a arregimentação fundamentalista ganhou vulto quando a "Frente de Salvação" (FIS) conquistou maioria parlamentar, arrebatando 55% dos votos, nas eleições de junho de 1989. A repressão governamental foi consequência inevitável, após novo triunfo do FIS no primeiro turno do pleito de dezembro de 1991. As eleições foram

suspensas e, caracterizados surtos de violência e terrorismo, os principais líderes extremistas foram trancafiados. Clima de guerra civil ameaça a Argélia desde o golpe-de-Estado. Na clandestinidade, o DIS garante ser capaz de ganhar eleições livres com o apoio de outras facções radicais. Sua popularidade caiu, todavia, com a insistência em praticar métodos de terror, que já custaram a vida a centenas de civis.

No Marrocos, o radicalismo tem mobilizado manifestações contra o governo do rei Hassan, levando as autoridades a dissolverem o partido extremado "Justiça e Bem-Estar Social" (1991) que, aliás, nunca teve existência legal. Na clandestinidade o partido continua a procurar alianças com outros grupos radicais, entre eles a "Juventude Islâmica", apesar de as lideranças pró-fundamentalistas estarem, em sua maior parte, na prisão. A Tunísia adotou, igualmente, práticas de repressão ao radicalismo político-religioso, prendendo os líderes do "Partido do Renascimento" (Nahda). Os grupos fundamentalistas, contudo, permanecem divididos. Na Líbia, Gadafi, conquanto governe com os princípios islâmicos, prefere manter o país sob controle das forças de segurança, explorando o nacionalismo popular, que cresceu depois dos ataques aéreos norte-americanos.

Na Síria, Assad mantém a "Irmandade Muçulmana" fora da lei há cerca de uma década, buscando entendimento com seus países vizinhos. No Líbano, a "confusão machadiana" continua geral, com a turbulência entre partidos e seitas antagônicas que arrazaram a mais bela, culta e promissora nação do Oriente Próximo. Grupos extremados xiitas do Hezbollah, apoiados pelo Irã, lutam contra a organização Amal, que recebe

ajuda da Síria. Se de fato vigorar o acordo de paz entre a Organização para Libertação da Palestina (OLP) e Israel — diminuirão as chances de expansão do grupo fundamentalista Hanas, na Faixa de Gaza e na própria Cisjordânia, ocupadas ambas pelas forças israelenses.

No Paquistão, as leis islâmicas prevalecem desde o início da formação do país, e com mais vigor a partir da década dos oitenta, com os sucessivos governos militares. Sua aplicação não é das mais rigorosas. A religião muçulmana é professada por 97% da população paquistanense, por volta dos 90 milhões, e com predominância absoluta de credo sunita. Os fundamentalistas são aceitos na coligação dirigida pela "Aliança Democrática Islâmica", mas sem grande influência no país.

***"Durante 70 anos de  
dominação soviética, as  
repúblicas de credo  
muçulmano mantiveram em  
estado latente suas culturas  
e religião"***

Na Ásia Central, durante setenta anos de dominação soviética, as repúblicas de credo muçulmano mantiveram em estado latente suas culturas e religião, professadas por mais de 60 milhões de fiéis no Azerbaijão, Cazaquistão, Quirguízia, Tajiquistão, Turquemenistão e Uzbequistão. O Cazaquistão é a mais importante das nações muçulmanas, figurando em segundo lugar na produção de

petróleo e de carvão (20%) da Comunidade de Estados Independentes (CEI), e possuindo recursos minerais orçados em 6% das reservas mundiais. As novas repúblicas muçulmanas da CEI deverão optar agora entre a modernidade e as pressões do renascimento religioso, comprovado no livre e crescente exercício do credo islâmico, pela construção de mesquitas e de centros culturais islâmicos. A Federação Russa vê com suspeita certas iniciativas como as tomadas pela Turquia, Irã e Paquistão (maio de 1992), em encontro de cúpula de Ashgabat (Turquemenistão) para intensificação de relações econômicas. Moscou continua a guardar em mente a aventura malfadada da invasão do Afeganistão, um dos primeiros pregos no caixão soviético.

## PERSPECTIVAS E CONCLUSÕES

Deve ser encarada com reserva a possibilidade de vir o fundamentalismo islâmico participar, como poder político e estratégico primordial, na nova ordem internacional, em processo de configuração às vésperas do século XXI. Carecendo de unidade étnica e de veículo de centralização política, o movimento fundamentalista dificilmente poderá reunir bloco de influência mundial, como chegou a ser o Terceiro Mundo. São acentuadas as diferenças econômicas, sociais e políticas entre as comunidades islâmicas no Mediterrâneo, no Oriente, Próximo e Médio e os seguidores da religião muçulmana em países africanos e asiáticos que, de fato, superam em número os habitantes daquelas nações. As novas repúblicas islâmicas da CEI, o Sudão e outras

minorias africanas, o Paquistão e a Indonésia, todos com culturas próprias, atravessam fases de desenvolvimento que exigirão transformações radicais e soluções peculiares às suas características nacionais. A despeito da supremacia absoluta do credo islâmico, parece extremamente remota a eventualidade de sua adesão a processos de arregimentação fundamentalista em plano universal. Desde o pós-guerra, essas nações da Ásia Central e do Extremo Oriente estão vinculadas à Rússia (União Soviética, antes), à Europa Ocidental (Grã-Bretanha e Países Baixos); aos Estados Unidos e ao Japão, para obtenção de recursos de assistência econômica, expansão do seu intercâmbio comercial e sua modernização tecnológica.

A hegemonia americana e o fim da confrontação ideológica aceleraram o processo de caducidade do Terceiro Mundo. Sem mecanismo de aglutinação político-estratégica, o fundamentalismo não constitui sequer opção, ante a dissidência religiosa existente no seio da própria comunidade internacional islâmica, entre sunitas majoritários e a facção xiita, que predomina no Irã e possui minorias no Paquistão, Iraque e Líbano. A divulgação cultural e religiosa, alimentada pela assistência da Arábia Saudita, vê-se hoje limitada pelos problemas econômicos que, indubitavelmente, concorrerão para fechar a torneira de futuras doações. As repúblicas muçulmanas da CEI têm agora diante de si clamores internos pelo desenvolvimento econômico e social, que dependerá de relações formais e crescentes com a CEI, ou seja, a Federação Russa no comando da vasta estrutura herdada da União Soviética. A comunidade islâmica possui recursos petrolíferos e minerais de importância vital à CEI, principalmente o Cazaquistão, bar-

ganhando ainda com suas instalações nucleares. Essas repúblicas muçulmanas autônomas continuarão, em sua maior parte, a depender da tecnologia russa e das relações comerciais e financeiras intracomunitárias (CEI). O sucateamento do marxismo não invalida o gigantismo da Federação Russa e sua vontade de conservar seu predomínio político e econômico sobre os 21 milhões de quilômetros quadrados que antes reuniam as repúblicas socialistas soviéticas. A turbulência política persistente no Afeganistão e o apoio dado por Moscou à política norte-americana no Iraque e, por extensão, ao jogo do equilíbrio que mantém Saddam no poder, pautarão a política regional da Rússia ante os perigos de eventual "contaminação" fundamentalista na CEI.

No cenário estratégico-militar atual não existem perspectivas imediatas de futuro fortalecimento do poder bélico dos defensores do fundamentalismo radical. Os arsenais armamentistas no Oriente Médio foram acumulados como resultado da estratégia ocidental, sobretudo de Washington, de vender armas a Reza Pahlevi e, subsequentemente, ao Iraque no seu choque armado com a revolução de Khomeine — "gangorra" estratégica que resultou na guerra Irã-Iraque e no posterior conflito do Golfo (Saddam), após a invasão do Coveite. As compras bilionárias de equipamentos sofisticados pela Arábia Saudita, com seus recursos engordados pelo petróleo, condicionarão doravante o Rei Fahd à dependência dos suprimentos americanos e concorrerão para os problemas econômicos antes mencionados e que começam a preocupar àquele país. A manutenção de Saddam Hussein em Bagdá, aparentemente incompreensível, significa, na realidade, opção de Washington para colocar freio à

expansão do fundamentalismo iraniano por todo Oriente Médio e Próximo. Serve, ao mesmo tempo, para preservar a efetiva presença militar americana (OTAN-ONU) naquela região, como garante, em última instância, do *statu quo* político e para solução paulatina do problema palestino.

Óbvio não fosse, a Guerra do Golfo comprovaria a importância primária do petróleo na preservação do equilíbrio regional e, por extensão, da própria estabilidade política e econômica internacional. Toda a geopolítica do Oriente Médio teve sua configuração e evolução baseadas na permanência do condomínio euro-americano sobre as fontes árabes e iranianas de produção de petróleo, condição essencial ao mecanismo de contenção da União Soviética e fator crucial no processo de desenvolvimento econômico mundial do presente século. A confrontação russo-americana na região armou os movimentos nacionalistas, criando poderes bélicos e, sem dúvida, favoreceu à eclosão do fundamentalismo islâmico. Aparentando, inicialmente, aliar-se à União Soviética, a expansão fundamentalista propagar-se-ia ao Afeganistão que, à semelhança do Vietnã e para gáudio estadunidense, desafiou a superioridade tecnológica da URSS.

A intervenção militar norte-americana contra Saddam Hussein corroborou, claramente, a estratégia dos Estados Unidos em sustentar a conjuntura do petróleo no Oriente Médio, ameaçada pela invasão do

Coveite. Produzindo 2,5 milhões de barris/dia, não vacilou o governo iraquiano em incorporar, pela força, o Coveite (1,3 milhão) e aprestou-se a engolir a Arábia Saudita (5,2 milhões) ficando próximo na fila, os Emirados (1,8 milhão). Havia assim riscos ponderáveis para a Europa Ocidental, os Estados Unidos, o Japão e toda a comunidade subde-

envolvida importadora de petróleo, de verem, sob a aljuba iraquiana, cerca de 10,8 milhões de barris/dia que, em número de 1991, superariam os 9,7 milhões americanos e chegariam perto dos 12,5 milhões russos.

Êxito tivesse, a agressão de Hussein conseguiria estabelecer o monopólio definitivo que a OPEP desfrutava temporariamente, às custas do desequilíbrio da economia mundial. O novo cenário político-estratégico, seqüente à dissolução da URSS e ainda em processo atual de configuração, estaria comprometido pela "glorificação" de líder carismático capaz de comandar as nações indecisas do Oriente Médio e, por extensão, a Líbia radical de Gadafi. À nova crise do petróleo dever-se-iam acrescentar riscos de revivescência religiosa sob a bandeira do renascimento árabe e, naquela ocasião há dois anos, retomada da guerra contra Israel para redenção da Palestina. Não foi sem razão que a OLP prestou apoio ao ditador iraquiano, embora, posteriormente, Arafat voltasse a cortejar com êxito o apoio de Washington e o entendimento com Rabin.

***"A manutenção de Saddam Hussein em Bagdá significa, na realidade, opção de Washington para freiar a expansão do Fundamentalismo iraniano por todo Oriente, Médio e Próximo."***

As relações do Brasil com os países árabes produtores de petróleo foi marcada, nos últimos anos, por esforço compreensível para a expansão do nosso comércio de exportação, procurando diminuir o saldo negativo, decorrente da compra daquele produto. O custo do petróleo importado tem sido crucial na luta desenvolvimentista, causando o início da crise econômica brasileira, a partir do começo da década passada e até hoje afligindo nosso País. As atividades da Petrobrás para aumento da produção nacional estabilizaram-se por volta dos 700 mil barris/diários, isto é, metade do consumo interno (1991). De qualquer forma, a necessidade de misturar petróleo importado ao brasileiro deverá ser considerada nos planos de total auto-suficiência objetivada pela produção nacional. O volume das nossas vendas de mercadorias aos países árabes não tem ainda significado especial no cômputo global, calculadas, em 1992, em cerca de US\$ 1,3 bilhão, ou seja 3,58% do volume total das exportações brasileiras. Destacam-se a Arábia Saudita (US\$ 460 milhões) e o Irã (US\$ 336 milhões), sendo que este último tem procurado expandir o intercâmbio pelo envio de missões ao Brasil.

A saga da participação brasileira no programa nuclear do Iraque gerou polêmica e série de condenações nos Estados Unidos e na Europa, nossos maiores parceiros comer-

ciais e financeiros. A venda de equipamentos bélicos àquele país foi, igualmente, motivo de "censuras" discretas ou ostensivas pela imprensa internacional, embora, na prática, nosso País tenha figurado entre os fornecedores de menor vulto, cabendo a primazia a nações ocidentais como França e Alemanha. A contabilidade dessas transações, louváveis do ponto de vista do incremento comercial, ainda não foi avaliada à base de lucros e calotes. As tentativas de venda de armamento pesado — especialmente tanques

Osório à Arábia Saudita — arrastaram-se por anos a fio dando esperanças vãs à indústria nacional de material bélico, hoje em dificuldades. O conflito do Coveite colocou os Estados Unidos como fornecedor dos clientes sauditas, mais não sem

o agravamento da crise econômica que agora ganha proporções para Riad.

Referências às relações do Brasil com o Islamismo devem realçar que não há, em nosso País, problemas entre árabes de diferentes origens nacionais entre si ou mesmo nas suas relações com as comunidades judaicas. A integração dessas comunidades árabes na sociedade brasileira decorre, em parte, da predominância árabe-cristã, mas as autoridades brasileiras asseguram plena liberdade ao exercício do credo muçulmano e a divulgação da cultura islâmica, através de centros culturais e entidades literárias, em todo o País. □

***"Para a militância ideológica, geralmente revolucionária e contestadora, quem não instrumentalizar a História é considerado dela beneficiário, pela reação contrária a idéias novas"***